

## “VOCÊ TEM O PRIVILÉGIO DE ENVELHECER OU VOCÊ É TRANS?": TRANSFOBIA, SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO E O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO TRANSGÊNERA NO BRASIL

## “DO YOU HAVE THE PRIVILEGE OF AGING OR ARE YOU TRANS?": TRANSPHOBIA, ETHICAL-POLITICAL SUFFERING AND AGING OF THE TRANSGENDER POPULATION IN BRAZIL

## "¿TIENES EL PRIVILEGIO DE ENVEJECER O ERES TRANS?": TRANSFOBIA, SUFRIMIENTO ÉTICO-POLÍTICO Y ENVEJECIMIENTO DE LA POBLACIÓN TRANSGÉNERO EN BRASIL

Dandara Camélia da Silva Domingues<sup>1</sup>

Priscila Larcher Longo<sup>2</sup>

Rodrigo Jorge Salles<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo busca analisar as implicações da transfobia no curso do envelhecimento de pessoas transgêneras, visto que os impactos desta violência afetam todas as etapas da vida desse grupo, impedindo-os de chegar à velhice e de ter o direito de envelhecer. Realizou-se uma pesquisa teórica bibliográfica em livros, capítulos, periódicos e dissertações sobre o tema. Os materiais foram recolhidos, analisados e fichados visando a construção de uma literatura atual, crítica, coerente e coesa com o propósito de produzir deslocamentos no saber científico, sobretudo no gerontológico, sobre as urgências da comunidade aqui selecionada. Assim, admite-se que a transfobia interfere no envelhecimento e marca as trajetórias da população trans pelo sofrimento ético-político, sendo este um sentimento de desvalor causado pela exclusão e que quando aborda-se as implicações desses agentes, presentes na literatura acadêmica sobre as etapas de suas vidas, há indícios de medos, traumas e marcas sistêmicas em seus corpos transgenerificados.

**Palavras-chave:** Exclusão Social; Transgênero; Sofrimento; Envelhecimento.

### Abstract

This article seeks to analyze the implications of transphobia in the course of aging transgender people, since the impacts of this violence affect all stages of life of this group, preventing them from reaching old age and having the right to age. It was carried out a theoretical bibliographical research in books, chapters, journals and dissertations on the subject and the materials were collected, analyzed and filed aiming at the construction of a current coherent and cohesive with the purpose of producing shifts in scientific knowledge, especially in the gerontological, on the urgencies of the community selected here. Thus, it is admitted that transphobia interferes with aging and marks the trajectories of the trans population by ethical-political suffering, which is a feeling of devaluation caused by exclusion and that when it addresses the implications of these agents, present in the academic literature on the stages of their lives, there are indications of fears, traumas and systemic marks in their transgender bodies.

<sup>1</sup> Cientista Social graduada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Psicóloga graduada pela Universidade São Judas Tadeu (USJT) e Mestranda pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento da Universidade São Judas Tadeu (PPGCE/USJT). E-mail: [dandaracamelia@gmail.com](mailto:dandaracamelia@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0038-609X>

<sup>2</sup> Bióloga graduada pela Universidade Federal de São Carlos, Mestra e Doutora em Ciências (Microbiologia) pela Universidade de São Paulo. Pós-doutora pela Universidade de São Paulo com estágio na Ohio State University (College of Dentistry) e na Universidade Nove de Julho. E-mail: [priscila.longo@saojudas.br](mailto:priscila.longo@saojudas.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2235-3512>

<sup>3</sup> Psicólogo graduado pela Universidade de Uberaba (UNIUBE), Mestre e Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). E-mail: [rodrigo.salles@saojudas.br](mailto:rodrigo.salles@saojudas.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0485-4671>

**Keywords:** Social Exclusion; Transgender; Suffering; Aging.

### Resumen

Este artículo busca analizar las implicaciones de la transfobia en el curso del envejecimiento de personas transgénero, ya que los impactos de esta violencia afectan todas las etapas de la vida de ese grupo, impidiéndoles llegar a la vejez y tener el derecho de envejecer. Se realizó una investigación teórica bibliográfica en libros, capítulos, revistas y disertaciones sobre el tema y los materiales fueron recogidos, analizados y fichados buscando la construcción de una literatura actual, crítica, coherente y cohesionada con el propósito de producir desplazamientos en el saber científico, sobre todo en el gerontológico, sobre las urgencias de la comunidad aquí seleccionada. Así, se admite que la transfobia interfiere en el envejecimiento y marca las trayectorias de la población trans por el sufrimiento ético-político, siendo este un sentimiento de desvalor causado por la exclusión y que cuando se abordan las implicaciones de esos agentes, presentes en la literatura académica sobre las etapas de sus vidas, hay indicios de miedos, traumas y marcas sistémicas en sus cuerpos transgénero.

**Palabras clave:** Exclusión Social; Transgénero; Sufrimiento; Envejecimiento.

*Mas nós, os transgêneros, que não temos nosso gênero assinalado no nascimento, vivemos cada vez menos. São muito poucos os que conseguem chegar à senescência, ou seja, que tem o direito de se tornar senis na idade avançada.*

(...)

*E a nós, os transvelhos, quem ajuda?*

*Qual o preço da nossa velhice?*

*(NERY, 2019, pp. 17, 19 e 20).*

*Epígrafe*

## INTRODUÇÃO

Ao apontar o papel das ciências humanas, sobretudo das ciências sociais, em estudos que exploram a diversidade (que está presente em todos os agentes) em suas análises, há a importância de aproximar outras ciências, como a gerontologia, quando concerne a marginalização estrutural que permeia todas as etapas do desenvolvimento humano de pessoas transgêneras (ANTRA, 2022; DOMINGUES & SILVA, 2021). Os desafios e percalços evidentes na trajetória desse grupo afetam a infância, adolescência e fase adulta, impedindo-os de chegar à velhice e de ter o direito de envelhecer.

Se no Brasil a expectativa de vida da população é de 76,3 anos, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), quando fala-se da população de pessoas

trans<sup>4</sup> os dados, pesquisas, boletins e dossiês de instituições que advogam pela comunidade revelam que são raras as que conseguiram chegar ou ultrapassar os 50 anos de idade e, os que superaram essas estatísticas, são considerados como vitoriosos (LIMA, 2019). Assim sendo, é necessário existir avaliações, feitas por observações e reflexões, sobre a ausência de conhecimentos sobre o campo da transgeneridade e velhice, ressaltando que há uma grande lacuna gerontológica no que tange a diversidade humana.

Segundo Ruiz (2021), a gerontologia se isentou de considerar os marcadores sociais da diferença ao abordar a velhice em seus estudos, já que acreditava que não eram importantes uma vez que defendiam que todos os indivíduos envelhecem da mesma forma, sem considerar especificidades e desigualdades sociais em seus cursos de envelhecimento. Por outro lado, Debert (1997) e Motta (1997) argumentam que as experiências com a velhice ocorrem de forma singular em cada sujeito e que, por essa razão, a ciência gerontológica deve ter por princípio abordar questões étnico-raciais, classes sociais, gênero e demais diversidades em suas considerações teóricas. Para as autoras, essas características influenciam diretamente na maneira em que cada indivíduo envelhece e em suas relações com a velhice.

Tendo em vista isso, quando aborda-se as implicações da população transgênera, presentes na literatura acadêmica, sobretudo no que tange ao seu desenvolvimento humano, há indícios de medos, traumas e marcas sistêmicas em seus corpos transgenerificados (ANTRA, 2022; JESUS, 2013; DOMINGUES & SILVA, 2021, 2022; RUIZ, 2021). Sendo a transgeneridade uma identidade de gênero, que diz respeito ao campo da autopercepção e autorreconhecimento, a sociedade, sócio-político e historicamente, se colocou no lugar de atribuir os gêneros dos indivíduos (BUTLER, 2004), a partir de um processo que ocorre muito antes de seu nascimento, tomando por base "parâmetros exclusivamente genitais" (RUIZ, 2021, p. 230).

A imposição social do gênero - ou melhor, de um único gênero enquanto categoria identitária suprema e exclusiva (DOMINGUES & SILVA, 2021) - centralizou os corpos em um único lugar: na cisgeneridade, que é uma identidade de gênero que corresponde a determinação do sexo (gênero) ao nascimento. Essas ações coercitivas empurraram outros corpos e gêneros diversos para as fronteiras sociais e, conseqüentemente, atribuem à comunidade transgênera a incubência de atuar ante essas cristalizações objetivando uma desnaturalização do corpo cis coercitivamente tomado como o ideal (RUIZ, 2021). Logo, ao evitar termos como mulher biológica, substituindo-os por mulher cisgênera, há uma subversão do paradigma que convoca a imposição da naturalidade cisgênera a todos os corpos (BONASSI, 2017)

<sup>4</sup> O termo Trans é um acrônimo que será tomado para representar todas as identidades transgêneras: travestis, transexuais, não binárias, etc (DOMINGUES & SILVA, 2021; JESUS, 2013).

Jesus (2013) destaca que as consequências da naturalização do corpo cis enquanto padrão colocou as pessoas trans na mira de preconceitos, carência de direitos fundamentais e exclusões estruturais que engloba o ingresso na educação, no mercado de trabalho e em outros acessos básicos como: o uso do nome social e de banheiros de acordo com a autoidentificação de gênero. Não só isso, a autora aponta para acometimentos mais agravados à população transgênera, incluindo ameaças de violência, agressões e homicídios, graças ao olhar transfóbico e estereotipado que a institucionalização da cisgeneridade enquanto norma resulta à comunidade.

A transfobia, que será explorada com diligência nas construções teóricas posteriores deste artigo, é uma problemática cisgênera potente, bem como uma das suas principais artimanhas para engendrar a invisibilidade de pessoas trans, inclusive no campo científico. Portanto, é importante produzir estudos antropológicos, sociológicos, psicológicos e gerontológicos sobre as distintas experiências de pessoas cis e trans na sociedade brasileira, uma vez que essa comunidade ainda é marginalizada e excluída e há dados que colocam o Brasil como o primeiro na estatística mundial de Estado-nação que mais aniquila e assassina o grupo. Logo, a comunidade não encontra espaços de voz para reivindicar melhores condições de existência, o que sucede em sofrimentos psicossociais, ou ético-políticos, advindos de sentimento de desvalor, exclusão social, violência e subalternização (ANTRA, 2022; RUIZ, 2021; SAWAIA, 2014).

Assim sendo, este artigo possui caráter multi/inter/in-disciplinar (MOITA LOPES, 2009; FABRÍCIO, 2017; LIMA, 2019), visto que vislumbra promover práticas transaberes (FABRÍCIO, 2017), abordando as fronteiras cis-normativas postas sobre os gêneros e sexualidades que reforçam crenças enraizadas sobre corpos idealizados na coletividade, na ciência, notabilizando o campo gerontológico, e demais estruturas sociais (LIMA, 2019). O propósito deste estudo não é o de esgotar o tema, mas de promover mais visibilidade, interpelar as lacunas das literaturas já existentes e atravessar os limites já demarcados, bem como compreender os processos de exclusão e inclusão da população trans, de seu envelhecimento e processo de subjetivação, pois quando trata-se das identidades, não há esgotamento subjetivo (JESUS, 2013).

Dito isto, o objetivo deste artigo é apresentar as implicações do curso do envelhecimento da comunidade transgênera brasileira a partir da noção de transfobia e sofrimento ético-político. Com esse fim e apoiando-se nos caminhos teórico-metodológicos, será aludido, no primeiro momento, às condições da população transgênera no Brasil, suas demandas, percalços e

desafios e as inferências no acesso e qualidade da trajetória do seu envelhecimento. No segundo momento, será exposto os ditames teóricos sobre as implicações da transfobia e seus desdobramentos, como o sofrimento ético-político, os estigmas sociais e a abjeção, como norteadores do processo de subjetivação da pessoa transgênera e nos impactos desses fenômenos no curso de seu envelhecimento.

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Este artigo ocorreu a partir de uma pesquisa teórica bibliográfica conduzida mediante levantamento de livros (físicos e digitais), capítulos, artigos publicados em periódicos científicos, com acesso nas bases Scielo, Google Acadêmico e em bibliotecas de universidades, e no catálogo de teses & dissertações da CAPES. A busca foi realizada em literaturas dos últimos 12 anos (visto que ainda há poucos estudos no que toca a este texto) e os materiais relevantes foram recolhidos, analisados e fichados visando a construção de uma literatura atual, crítica, coerente e coesa com o propósito de produzir deslocamentos no saber científico, sobretudo no gerontológico, sobre as urgências da comunidade aqui selecionada para análise.

Se a pesquisa acadêmica possui a incumbência de investigar e propor soluções e respostas vislumbrando o aprofundamento de determinado fenômeno, a pesquisa bibliográfica é uma de suas etapas primordiais. De acordo com Souza, Oliveira e Alves (2021), esta modalidade possui frequência no meio acadêmico e visa aprimorar e atualizar o estado da arte a partir de seu método científico de investigação ao que já está disponível sobre a ciência, onde o\o investigador\o irá se debruçar em literaturas relevantes para a análise do seu objeto. Assim, o seu auxílio é imediato quando concerne a avaliação de materiais já existentes sobre o assunto pesquisado, ou a ser pesquisado, e, além disso, ela fortalece e colabora com a elaboração do problema, da hipótese e dos objetivos do trabalho. Seus principais instrumentos são: catálogos de teses e dissertações, livros (físicos e digitais), anuários, revistas e demais variedades literárias que foram publicadas anteriormente.

Tendo em vista as considerações da pesquisa bibliográfica, este trabalho ocorreu a partir da revisão de materiais e teorias disponíveis no campo científico que contribuem com melhores compreensões psicossociais, sociológicas e gerontológicas sobre o fenômeno da transgeneridade, seus desdobramentos sistêmicos e às controvérsias sobre o decurso de seu envelhecimento. Em primeiro momento, a busca foi realizada com base nas palavras-chave

“transgênero”, “LGBT”, “discriminação” e “envelhecimento”, com o intuito de abordar materiais e conceitos que respondem ou buscam refletir sobre as condições da população transgênera no Brasil, suas instâncias, percalços e desafios e as implicações de acesso ou qualidade na trajetória do envelhecimento.

Para lançar luz a esse debate, utilizou-se como principal guia os materiais da autora transgênero, Jaqueline de Jesus (2013), sobretudo para uma maior compreensão do cenário brasileiro ao qual a população trans se encontra, capítulos do livro “A reivenção do corpo: sexo e gênero na experiência transexual”, de Berenice Bento (2017), e as dissertações de mestrado de Brune Bonassi (2017), “Cisnorma: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero”, e Leticia Lanz (2014), “O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero”, visando dar continuidade ao mapeamento sobre a comunidade trans e os dispositivos sociais que reproduzem a idealização do corpo cisgênero como norma.

Para as considerações sobre o decurso do envelhecimento da supracitada comunidade, tomou-se como principal fonte de busca a dissertação de mestrado de Ana Paula Lima (2019), “Nossos corpos não são mais os mesmos: Narrativas de mulheres trans e travestis sobre o seu processo de envelhecimento” e, junto a ela, também foi analisado o capítulo “Aspectos multidisciplinares sobre o envelhecimento de pessoas transfemininas”, de Melissa Ruiz (2021), lotado no livro “Olhares sobre o envelhecimento: Estudos interdisciplinares”, organizado por Joaquim Pinheiro (2021).

Pretendendo diversificar os estudos sobre o envelhecimento da comunidade trans e suas relações com as instituições brasileiras, foi tomado o livro “Velhices Transviadas: memórias e reflexões”, do escritor transgênero João Nery (2019). A proposta era apresentar ao leitor as condições, desdobramentos e liames dos corpos transgêneros com o envelhecimento, tendo em vista os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2022), que apontam para a baixa expectativa de vida, reiterando que o grupo não está envelhecendo da mesma forma que pessoas cisgêneras e/ou que não estão tendo a oportunidade de envelhecer.

No segundo momento e com o desígnio de analisar os impactos da transfobia e suas repercussões, como a abjeção, os estigmas e o sofrimento ético-político em todas as etapas da vida de pessoas trans, sobretudo na velhice, retomou-se ao livro “Velhices Transviadas: memórias e reflexões”, de Nery (2019), especialmente no capítulo 10 “A velhice chegou aos doze”, onde o autor apresenta uma entrevista com a mulher transgênero Anyky Lima (in

memoriam), tida como uma das poucas pessoas transgêneras idosas do Brasil por chegar aos 65 anos de idade, que é considerado incomum pelas literaturas existentes e também pelas considerações da comunidade que está sendo representada aqui pela ANTRA (2022). Respeitou-se as palavras-chave “Transfobia”, “Envelhecimento”, “Sofrimento Psicossocial” e “Discriminação”.

Tomou-se o conceito de transfobia, bem como as suas contextualizações no território brasileiro, novamente de Jesus (2013), e de sofrimento-ético político, também conhecido por sofrimento psicossocial, presente na obra “As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social” da psicóloga social Bader Sawaia (2014), com a pretensão de expor as atuações dessa violência com esse tipo de sofrimento na trajetória do envelhecimento transgênero. Para colaborar com o tronco de discussões sobre a composição e agravantes da transfobia, como a abjeção e os estigmas sociais, foram desfrutados os livros dos sociólogos Erving Goffman (2004), “ESTIGMA - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, Richard Miskolci (2019), “Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças”, e Howard Becker (2008), “Outsiders: Estudos de sociologia do desvio”.

Como produto final, a discussão foi dividida em dois tópicos: primeiro, **“E a nós, os transvelhos, quem ajuda?”: resultado e análises sócio-políticas**, cuja discussão apresenta as construções teóricas sobre a transfobia e seus mecanismos, como a abjeção que atua no processo de desumanização das dissidências sexuais e de gênero ao tratá-las como repugnantes e ameaçadoras à ordem social e os estigmas sociais que são responsáveis por marcar indivíduos tidos como estranhos como inadequados, sem valor ou organismos menos capazes para a convivência coletiva. Por fim, foi traçado as correlações desses eventos com a perspectiva do envelhecimento transgênero e suas adversidades no solo brasileiro.

No segundo tópico, **“Qual o preço da nossa velhice?”: transvelhices e suas implicações**, pautou-se o sofrimento ético-político como uma das artimanhas da violência transfóbica, visto que as dores que incidem as existências trans não são próprias da transgeneridade e sim das desigualdades sociais e dos dispositivos cisgêneros que excluem, subalternizam e lançam sentimentos de desvalor a indivíduos apontados como inúteis para a sociedade.

## **“E A NÓS, OS TRANSVELHOS, QUEM AJUDA?”: RESULTADOS E ANÁLISES SÓCIO-POLÍTICAS**

A transfobia (pensamento transfóbico ou violência transfóbica) é uma pauta central das agendas de luta e organização política da comunidade transgênera. Graças a este termo - que representa medo, repulsa e ódio e que se manifesta através de violências físicas, simbólicas e institucionais a corpos trans, absolutamente por serem quem são - que travestis e demais pessoas transgêneras vem se mobilizando há décadas para subverter essa ordem coletiva nociva às suas existências (DOMINGUES & SILVA, 2022; LANZ, 2014).

Para Jesus (2013, p. 16), há uma crença de que a população transgênera é “anormal”, o que ocasiona em estigmas, marginalizações e perseguições sociais. Segundo a autora, por se tratar de um preconceito estrutural e com o apoio de diversas instituições que advogam pelo “gênero correto”, envasados na cisgeneridade enquanto norma, há um genocídio dos corpos trans no solo brasileiro que é resultado de violências estruturais. A partir dessas implicações, o processo de subjetivação desses agentes é constituído ante as múltiplas faces da transfobia e de seus desdobramentos (deslegitimação, desumanização e aniquilação). Sobre isso, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2022) indica que:

O comportamento transfóbico, em nosso entendimento, diz respeito a quaisquer atitudes inferiorizantes, degradantes ou humilhantes que pode ou não incluir agressões físicas, verbais, simbólicas, materiais, patrimoniais e/ou psicológicas manifestadas com o intuito de violar direitos, negar acesso ou dificultar a cidadania, coibir a livre expressão de gênero, assim como a de negar o reconhecimento da autodeclaração de gênero de travestis, transexuais e demais pessoas trans, quando sua identidade de gênero for um fator determinante para essas violências ou violações, seja por ação direta ou por omissão (ANTRA, 2022, p. 16, 17).

Há, no entanto, o ato de deslegitimação das identidades e existências trans, ao passo que se tornam o outro, os outros ou aquele grupo sem o caráter legítimo e inteligível que os reputa como seres humanos e sim como um corpo estranho e forasteiros das normas (BECKER, 2008; LOURO, 2001). Ou seja, um outro que é sinônimo de inferior de qualquer eu que se deleite do domicílio da cisgeneridade (DOMINGUES & SILVA, 2021). Lanz (2014) reitera as argumentações propostas aqui ao apontar que transfobia é uma violência que pode se manifestar de forma física, institucional ou simbólica, porém, que concentra atenção maior nos corpos transgêneros femininos. Ou seja, seu alvo principal são as transfeminilidades (mulheres trans e travestis) (LANZ, 2014; ANTRA, 2022). Sobre esse ponto, Bento (2017) argumenta que o machismo, e seus dispositivos cis-hetero-patriarcais, desprezam tudo o que é feminino e expõe que mulheres trans e cisgêneras são vítimas por esse sistema desde o nascimento, fase adulta, velhice e até o momento de encontrar com a sua terminalidade.

Segundo Siqueira (2004) “travesti/mulher trans” e “velhice” juntas se tornam altamente excludentes. Nesse contexto, Lima (2019) relata que as transfeminilidades que conseguem



galgar os cinquenta anos de idade se deparam com duplos marcadores, como o preconceito etário<sup>5</sup> e, conseqüentemente, a transfobia, que revelam precariedades na vida dessas agentes. Para essas autoras, o envelhecimento transfeminino ocorre bem antes quando se compara as pessoas cisgêneras, visto que muitas morrem cedo martirizadas por violências, pelo envelhecimento precoce - pela falta de orientação médica na terapia hormonal e por fatores de estresse provocados pela carga da discriminação (CORRERO & NIELSON, 2019) - e, também, nos procedimentos estéticos inadequados e clandestinos para contemplarem as exigências de feminilidades impostas pela sociedade, sobretudo as que fazem parte das 90% que trabalham como profissionais do sexo, conforme apresenta os dados da ANTRA (2022).

De acordo com Lima (2019) muitas travestis são consideradas velhas quando não conseguem mais desempenhar o trabalho sexual, sendo próprio do contexto brasileiro marcar a travestilidade por opressões, distintas formas de violências e agressões que são, possivelmente, deliberativos para o envelhecimento precoce. Com base em narrativas de pessoas transfemininas, a autora indica que “uma travesti aos 40 anos pode ser comparada a uma mulher cisgênera aos 60 anos” (p.32), concordando com Nery (2019, p. 18) que enfatiza que existências transgêneras são marginalizadas, vitimadas por humilhações e hostilidades e que uma pessoa trans pode se considerar “transvelha”, como define o autor, quando alcança os cinquenta anos.

Como já foi bem esclarecido, quando concerne a comunidade transgênera, o envelhecimento e a velhice não são democráticos. Posto isto, a transfobia e o etarismo tem por resultado a abjeção, que irá criar um duplo estigma: de um lado há um corpo abjeto, marginalizado e tido como aberrativo. Do outro estão os sujeitos que, ao envelhecer, são vistos como impotentes e sem credibilidade para a construção da sociedade (LIMA, 2019). Miskolci (2019) argumenta que, desde muito tempo, a população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais e outros gêneros e sexualidades diversas) situou-se no menosprezo social tornando-se, cotidianamente, abjeto, “humilhado, motivo de desprezo e nojo, medo de contaminação”, etc (p. 24).

Para Miskolci (2019), o abjeto não somente comina o ideal de pureza, de saúde coletiva e naturalização cisgênera dos corpos pois, acima de tudo, ele é um perturbador da ordem, do sistema, da identidade social. Conforme o teórico queer, em considerações sociais, a abjeção é uma ameaça a visão hegemônica e homogênea de estabilidade da coletividade e se constitui a partir da experiência de ser indesejado, temido e considerado repugnante.

<sup>5</sup> Etarismo, preconceito etário ou idadismo refere-se ao ato discriminatório contra pessoas ou populações etárias com suporte em estereótipos relacionados à idade (GOLDANI, 2010).

Complementarmente, Podestà (2019) afirma que este fenômeno, a abjeção, é a razão central de crimes de ódio com exorbitante violência e que se oportuniza da vulnerabilidade de grupos estigmatizados para entusiasmar crimes com vestígios de brutalidade.

Apoiado-se neste debate, a abjeção seria a omissão ou, em termos práticos, a rejeição de determinados agentes, colocados como escória e sem importância para a sociedade, ao poder público e a qualquer olhar cisgênero que os crave como uma ameaça ao natural e correto funcionamento da “ordem social e política” (MISKOLCI, 2019, p. 24). Quando se trata de conceitos e concepções humanas que são concebidos no interior da matriz cis-hetero-patriarcal, há uma desesperada obstinação para que esses padrões sejam preservados.

A abjeção, em coautoria com o preconceito etário, tem por resultado uma velhice transgênera subalternizada com dissímeis estigmas. Sobre isto, Goffman (2004, p. 5) revela que o estigma situa-se no conceito de que, hierarquicamente, há indivíduos inferiores a outros. Isto é, existe uma avaliação que classifica sujeitos como comuns ou naturais para um grupo e essa abstração transforma-se em expectativas normativas disponíveis para a coletividade qualificar, a gosto-modo e estranhamente, o outro. A partir disso, Goffman (2004) argumenta que diante do estranho (ou, em outras definições, o outro) existe a tendência de encontrar evidências para torná-lo diferente dos demais, sem oferecer território para que ele seja incluído, chegando a considerá-lo como uma “espécie menos desejável” ou “completamente má, perigosa ou fraca” (GOFFMAN, 2004, p. 6).

Goffman (2004) dá continuidade às suas considerações sobre o estigma ao expor que há um imenso descrédito a quem é tido como estranho, chegando a ser visto por um grupo como defeituoso, fraco e/ou alguém em desvantagem. Ao aproximar o pensamento Goffmaniano das considerações sobre a abjeção, compreende-se que a grande problemática está no indivíduo indesejado para o grupo, ou naquele que ameaça a ordem, a coletividade e o seio social. Pode-se, assim, dizer que o abjeto e o estranho, ou estigmatizado, andam na mesma linha.

Em harmonia com os argumentos Goffmanianos (2004) sobre o estigma e das ponderações sobre a abjeção, na afamada obra “A Velhice: a realidade incômoda”, Simone de Beauvoir (1970) coloca que os agentes sociais que estão em processo de envelhecimento, além de serem considerados como uma mazela fisiológica, são inutilizados e vistos como alguém sem aptidão para colaborar com o desenvolvimento da sociedade, tendo por base uma ótica de produção e lucro, sendo descartados para os meios de produção. A feminista existencialista informa que boca inútil é um termo empregado para descrever indivíduos idosos que não

conseguem mais produzir ou batalhar, porém, acrescenta que esse pensamento é construído a partir da ordem dos discursos, dos valores e dos aspectos culturais (BEAUVOIR, 1970).

As análises teóricas deste artigo expõem que a abjeção e os estigmas estão presentes no percurso da pessoa transgênera (sobretudo nas que insurgem o sistema e se tornam idosas) como recursos potentes da violência transfóbica (JESUS, 2013; LIMA, 2019; PODESTÀ, 2019). Os estigmas e a abjeção estabelecem padrões que irão selecionar os sujeitos tidos como merecedores para serem humilhados, desprezados e abandonados socialmente (DOMINGUES & SILVA, 2021, 2022) ocasionado no que Bader Sawaia (2014) delinea como sofrimento ético-político ou psicossocial, que é “um tipo de sofrimento determinado exclusivamente pela situação social da pessoa, impedindo-a de lutar contra os cerceamentos sociais” (p. 62).

Sawaia (2014) afirma que existe um sofrimento que é edificado a partir da interface “Subjetividade” e “Sociedade” (p. 61), advindos de uma coletividade conflituosa cujos componentes da existência humana como corpo, gênero, classe social, etc. se tornam palcos de disputas (BOURDIEU, 1983). Para ela, o sofrimento ético-político é um fenômeno que provoca dores incitadas pelas injustiças sociais e “surge da situação de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade” (SAWAIA, 2014, p. 56). Esses argumentos corroboram com a ANTRA (2022), quando enfatiza que os corpos transgenerificados são selecionados para serem aniquilados, desprezados e assassinados.

Em suma, ao aproximar os termos “transgênero e velhice”, apoiando-se na literatura existente e numa perspectiva crítica e transfeminista, há por resultado um sofrimento ético-político que nos leva a uma trajetória teórica que observa o sujeito transgênero como subalterno e abjeto cujas dores são ético-políticas e resultam em precarização da vida, estigmas sociais e transfobia (BUTLER, 1990; GOFFMAN, 2004; JESUS, 2013; MISKOLCI, 2019; SPIVAK, 1985; SAWAIA, 2014).

Esses debates reafirmam o objetivo deste artigo, pois, se o conceito clássico da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) coloca que a velhice populacional se dá a partir dos 60 anos de idade, quando se trata da população trans esse estabelecimento cronológico entra em contradição e reafirma a ausência de estudos nas variadas áreas da saúde sobre a diversidade sexual e de gênero. Não só isso, também chamam a atenção para a expectativa de vida da comunidade transgênera brasileira que, segundo a ANTRA (2022), é de 35 anos para pessoas trans brancas e 29 anos para pessoas trans pretas.

## **“QUAL O PREÇO DA NOSSA VELHICE?”: TRANSVELHICES E SUAS IMPLICAÇÕES**

Anyky Lima foi uma pessoa transgênera considerada como uma das poucas da comunidade a se tornar idosa no Brasil (NERY, 2019, p.). Aos 12 anos de idade, foi expulsa de casa pela sua mãe que - segundo os relatos da mulher no livro “Velhices Transviadas: memórias e reflexões”, do escritor transmasculino João Nery (2019) - não suportou a pressão dos vizinhos, familiares e parentes e a expulsou de casa. Lima relata que vagou por vários dias nas ruas do Rio de Janeiro até encontrar uma travesti, que se destacava pelas cicatrizes pelo corpo provocadas pelas repressões policiais, que a levou para Vitória, Espírito Santo, para poder se prostituir e ganhar a vida.

Ela era uma criança que estava adentrando na adolescência mas que, por ser um corpo transgenerificado, foi tomada pela prostituição infantil e sobreviveu neste campo por 50 anos. Para Nery (2019), que registrou os relatos da mulher (e amiga próxima) em seu livro após uma entrevista, quando se trata de indivíduos trans, as pessoas fecham os olhos para a pedofilia e o abandono parental infantil. E essa foi a trajetória de Anyky, falecida em 2021 aos 65 anos, sendo sobrevivente da ditadura militar, da epidemia do HIV/Aids e da violência transfóbica estrutural do estado brasileiro.

Ao abordar o processo de envelhecimento e da velhice das pessoas transgêneras, é preciso refletir sobre a trajetória da própria transgeneridade. A vida de uma pessoa trans acontece, diariamente, na presença de violências, da própria transfobia, das alegrias que se manifestam de forma micro e macro, da tristeza, etc. Em outras palavras, a transgeneridade se constitui a partir das relações com os seus corpos dotados de humanidade, mas tão desumanizadas ao mesmo tempo. Como diz Anyky: “Minha luta é para dar visibilidade a essas pessoas, para que elas possam ser vistas como seres humanos” (NERY, 2019, p. 93).

Quando relaciona-se às existências trans, a vida acontece de forma agitada, por vezes, muitas vezes, exaustiva, já que o tempo não pára para esses indivíduos. A trajetória de vida dessa comunidade é subalternizada e carregada de sofrimentos ético-políticos desde antes do nascimento, quando seus gêneros são determinados a partir da leitura social imposta ao genital, até o momento de suas mortes. Como diz Arantes (2019, pp. 75, 79, 80), “a vida é o que acontece dentro desse tempo [do nascimento até a morte]; é a nossa experiência (...) O tempo corre em ritmo constante (...) O que você vai fazer com esse tempo que vai passando?”. A questão é que, no Brasil, que é considerado o país que mais mata pessoas transgêneras no mundo há treze anos consecutivos, o tempo de vida de uma pessoa trans acontece até os 35

anos de idade (ANTRA, 2022; LANZ, 2014; NERY, 2019), necessitando-se subverter essa realidade e escaqueirar paradigmas transfóbicos.

Não somente no livro “Velhices transviadas”, de Nery (2019), mas também nas considerações da literatura científica sobre a comunidade transgênera, há dissímeis apontamentos sobre o processo de exclusão, subalternização e sofrimento ético-político desses indivíduos. A exclusão acontece até mesmo no processo de inclusão social, implicando em um “descompromisso político com o sofrimento do outro” (SAWAIA, 2014, p. 8). Isto é, trata-se de um processo fantasmagórico que arquiteta a ideia de incorporação do sujeito excluído ao resto da sociedade a partir de políticas de inclusão, mas que ao fim é uma tentativa de manter a ordem social que irá gerar o “sentimento de culpa individual pela exclusão” (SAWAIA, 2014, p. 9) e autorresponsabilização por continuar sendo abjeto.

Para Sawaia (2014), a dialética da exclusão\inclusão retira o caráter subjetivo do sofrimento de quem é marginalizado e argumenta que não se trata de um fenômeno individual e sim coletivo. Dito isto, a exclusão de corpos transgenerificados relaciona-se a um problema que se manifesta no seio social (e de forma estrutural) que é responsável pela estigmatização, violências e subalternização desses agentes: ou seja, a já tão discorrida transfobia aqui. Este termo deve ser analisado a partir das relações de poder que supervalorizam a cisgeneridade e transformam a transgeneridade em diferença, no outro, como já foi refletido nos parágrafos anteriores desta pesquisa.

Podestà (2019, p. 2) declara que as discussões sobre a diferença devem tomar tal conceito como uma “relação social”, política, institucional e cultural, considerando as hierarquizações estabelecidas aos indivíduos adjetivados como diferentes. De forma pertinente, o processo de exclusão e estigmatização dos corpos trans ocorre em todas as esferas, privadas ou públicas, durante todas as etapas de suas vidas, o que explica o debate posto aqui sobre a sua baixa expectativa de vida, quando compara-se a média nacional (PODESTÀ, 2019, p. 1).

Tão logo toca à população trans idosa ante o processo de estigmatização e exclusão social, Nery (2019) aponta em seu livro, a partir das colocações de Anyky Lima, que a falta de preparo social potencializa a experiência negativa de pessoas trans com a velhice. A escassez de emprego formal, baixo poder aquisitivo e ausência de acolhimento médico adequado aponta para outras violências que não são só físicas. Na opinião dele, um dos obstáculos colossais para que mulheres trans e travestis alcancem a velhice está nos procedimentos estéticos e, como enfatiza a sua entrevistada Anyky, “o preço é alto para quem deseja ter um corpo coerente com o seu gênero, sem ter atendimento médico especializado nem dinheiro” (NERY,

2019, p. 95). Ela relata que muitas meninas transgêneras recorrem ao silicone industrial, procedimento clandestino, para conseguirem modelar o seu corpo e aponta para uma piora durante a velhice em virtude desses procedimentos, pois “o silicone industrial dá muitos problemas, desce para os pés, provoca muitas dores, incha” (NERY, 2019, p. 94).

Anyky e Nery (2019) relatam que a falta de compreensão social acerca da transgeneridade motiva muitas pessoas trans idosas a anularem ou invisibilizarem suas identidades de gênero para receberem acolhimento familiar e assistência médica digna e respeitável. Quando se trata das transfeminilidades, muitas acabam destransicionando e retomando ao gênero designado ao nascimento, por acreditar que terão mais segurança e amparo. Sobre isso, Anyky Lima relata na entrevista dada a Nery (2019) que:

Tenho algumas amigas que tiveram que se desmontar quando estavam doentes para serem aceitas de volta na família. (...) Eu soube de uma que, já idosa, também teve que se desconstruir para poder sobreviver – lembrei. – Trabalhava de faxineira em várias casas de uma vila. Parece que não recebia dinheiro, vivia de comida e roupa que davam, morando de favor (NERY, 2019, p. 95).

Sobre as pessoas transmasculinas, Nery (2019) expõe que muitos meninos trans acabam se camuflando na sociedade e mudam de endereço, de cidade, ou região para poderem ter uma vida e identidade nova. Segundo o autor e psicólogo, o uso da testosterona tem um efeito muito rápido no organismo, proporcionando para muitos uma voz grave, pêlos, músculos e passabilidade cisgênera<sup>6</sup> com maior facilidade. Para ele, o mesmo não ocorre com as meninas trans, que precisam recorrer, em muitos casos, a cirurgias estéticas para atingirem a feminilização e, quiçá, a passabilidade. Muitas investem em silicone industrial, que fora citado por Anyky como agravante para conquistarem a tão sonhada velhice.

A ausência de acolhimento médico adequado é outro fator de interferência no quadro de saúde de pessoas trans, inclusive quando são idosas (NERY, 2019). Anyky relata que precisou abrir mão da sua terapia hormonal, visto que o uso de hormônios desencadeou uma série de complicações ao longo de sua vida: “Parei de tomar hormônios porque tenho pressão alta, senão corro o risco de ter uma trombose ou coisa pior. São vários hormônios, cada um com uma finalidade” (NERY, 2019, p. 96).

De acordo com Andrade (2017), a terapia hormonal em grande quantidade e sem orientação médica pode potencializar o risco de depressão e outras doenças (coronarianas, acidente vascular cerebral, tromboembólicos, etc). A autora também chama a atenção para a escassez

<sup>6</sup> Quando uma pessoa trans é observada (em aparência, comportamentos e traços corporais) como uma pessoa cis (NERY, 2019; PONTES & SILVA, 2018).

de literaturas sobre o tema, sobretudo nos casos de morbidade e mortalidade relacionados à terapia hormonal e ressalta que, mesmo havendo ciência dos riscos, não há impeditivos para o uso dessa hormonioterapia, desde que haja direção médica adequada, já que quem busca esse procedimento também anseia por um corpo legítimo para si.

A interpretação negativa e a transfobia presente nos serviços de saúde, expõe o medo de indivíduos trans cuidarem adequadamente de suas demandas e aumentarem o seu tempo de vida. Anyky relata que o seu maior medo era de ser destrutada e de ter a sua identidade de gênero deslegitimada. Para ela, muitas meninas trans precisavam ir ao médico em grupo para evitar o constrangimento, pois era muito recorrente o desrespeito ao nome social. Sobre isso ela coloca que:

Agora, já na velhice, precisei fazer uma cirurgia de catarata, e o meu maior medo era de não ser chamada pelo meu nome social. A sala do consultório foi enchendo de gente, e eu cada vez mais apavorada. Felizmente, a secretária chamou meu nome: Anyky. Foi um grande alívio (NERY, 2019, p. 96).

É preciso compreender que o sofrimento que acomete a comunidade transgênera é psicossocial (ético-político) e não uma experiência emocional por ódio ao corpo errado, como declama o senso comum a partir de uma percepção própria da cisgeneridade. O corpo transgênero, a nível fisiológico e, também, existencial é tido como inadequado por uma sociedade que cultura corpos cis-hetero-normativos, destacando que aqueles que fogem dessa ótica precisam ser corrigidos (DOMINGUES & SILVA, 2021, 2022).

Sawaia (2014) diferencia a dor do sofrimento, sendo a primeira algo inerente e inevitável à vida humana e o segundo estende-se aos que são acometidos pelas injustiças sociais, pelas opressões e a quem vive em situação de exclusão. Além disso, há uma correlação desse fenômeno com a vergonha e a culpa que, para a autora, são “sentimentos morais generativos e ideologizados” com a incumbência de conservar arranjos sociais dominantes (p. 104). Partindo disso, pode-se dizer que foram fabricados discursos psicopatologizantes, que se ataram ao pensamento hegemônico, sobre uma compleição transexual abstrata, equivocada, vergonhosa, incoerente, abjeta e aberrativa (MISKOLCI, 2019) cujo sujeito que se encontra pertencente a essa identidade é o único responsável e culpado pelas retaliações ou represálias sociais procedentes das reações coletivas a esse corpo, agora e desde sempre, tido como estranho.

A partir das considerações de Sawaia (2014) sobre as ruminações do sofrimento psicossocial, ou melhor, ético-político, observamos que o pensamento social dominante se muniu de muitos mecanismos para controlar socialmente quem fugia de seus modelos estabelecidos para serem reproduzidos. Ser uma pessoa transgênera idosa, ou de qualquer outra etapa do

desenvolvimento humano, nunca fez parte desse esquema. Pensar no sofrimento ético-político na trajetória de pessoas trans e no decurso do seu envelhecimento, é entender que há um sofrimento advindo “do sentimento de estar só e humilhado” e que isso pode “redundar em morte biológica” (SAWAIA, 2014, p. 105).

A composição subjetiva do sofrimento psicossocial que acomete a comunidade transgênera, afeta diretamente a sua qualidade de vida e o seu enfrentamento às etapas da vida, seja na infância, adolescência, fase adulta e velhice. Logo, há apontamentos substanciais neste artigo sobre as razões da ausência de pessoas transgêneras idosas na sociedade contemporânea. Em seu livro, Nery (2019), amplamente citado e tomado para operacionalização teórica desta literatura, expressou a preocupação com a combinação ‘transgeneridade e velhice’, ao passo que reitera que a “miséria afetiva” se amplia nesta fase (p. 9).

Segundo Wyllys (2019, p. 9), responsável pela apresentação da obra de Nery (2019), a exclusão de indivíduos LGBTQIA+ ocorre até mesmo dentro da própria comunidade e expõe que a miséria afetiva é maximizada ao passo que a velhice se aproxima, levando o afastamento do grupo dos espaços de convivência da comunidade, já que existe um “culto à juventude”, revelando que permanecer vivo, ou prolongar a vida, ainda é um privilégio, sobretudo quando se trata de pessoas trans. Complementarmente, Nery (2019, p. 15) expõe que “falar da velhice é complicado, sobretudo quando ela é transviada”, já que diz respeito a aqueles que desviam do que é esperado pelo padrão e/ou que é tido como normal.

Para Nery (2019), as pesquisas e estatísticas apresentam um contraste quando abordam a cisgeneridade e a transgeneridade, uma vez que, diferente de transgêneros, cisgêneros não encontram as mesmas dificuldades para envelhecer, se tornarem longevos ou para exufruir da velhice com menos sofrimento já que são beneficiados pelos avanços da biotecnologia. De acordo com ele, seus pares vivem cada vez menos anos após anos sem terem o direito à “idade avançada” (p. 17). O que há em comum entre Nery (2019), Sawaia (2014) e todos os outros autores tomados aqui neste artigo é que o grande temor da população transgênera é ético-político e isso ressalta a falta de postura e urgência do estado brasileiro para mudar a realidade desses indivíduos (ANTRA, 2022).

Em suma, após todas as considerações aqui expostas sobre a comunidade transgênera e seus desdobramentos, reitera-se que a escrita deste artigo não vislumbra ser representativa e nem, tampouco, falar pelo/ outro/a ou construir um discurso de resistência. No entanto, propõe-se “criar espaços por meio dos quais o sujeito subalternizado [e excluído] possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido (a)” (SPIVAK, 1985 p. 14). Para Spivak (1985),



pesquisadores/as e escritores/as que se opõem às estruturas de poder devem ter por compromisso encarar a escrita como um mecanismo de produção que lhe coloque no lugar de refletir e indagar “o próprio lugar de onde teoriza” (p.13).

Os corpos socialmente invisíveis e subalternos (ou, de acordo com Sawaia (2014), excluídos, para Goffman (2004), estigmatizados, e Miskolci (2019), abjetos. Ou, segundo Jesus (2013), transgêneros) conforme discursa Spivak (1985, p. 12), são aqueles “cuja voz não pode ser ouvida”. Para essa teórica, agentes que ocupam as camadas mais baixas da sociedade não podem ser representados e, portanto, sequer se autorrepresentarem, ao passo que a autorrepresentação não se consuma, pois, “o ato de ser ouvido não ocorre” (p. 14). Assim, Spivak enuncia que “as camadas mais baixas da sociedade são constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (p. 12).

À vista disto, o propósito desta produção não é o de outorgar pelo lugar do/a outro/a (mesmo que a autora principal deste artigo também parta desse lugar de subalternidade por ter o seu corpo transgenerificado), mas o de fabricar um discurso crítico que produza provocações e que influencie e altere “a forma como lemos e apreendemos o mundo contemporâneo” (SPIVAK, 1985, p. 8). Só assim, pode-se compreender o nosso papel diante dos processos que retiram a importância política e social de determinados corpos, arremessando-os nas fronteiras da sociedade ou para um não-lugar. Como cita Augé (2005), esse não-lugar refere-se a uma antropologia da subalternidade que ingere sobre uma alteridade que se torna espectadora de um/a outro/a fetichizado e desconsiderado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista os fatos observados, nota-se que a cisgeneridade dispõe de variados dispositivos para preservar-se enquanto identidade suprema e natural. Um deles é a transfobia que, como foi bem destacada no corpo do texto, promove inúmeras dificuldades na trajetória de pessoas trans até no momento da sua terminalidade. Fora tomado para descrever os impactos dessa violência na vida de corpos trans, o conceito de sofrimento ético-político que busca explicar as dimensões de dores e sofrimentos a partir do sentimento de desvalorização social, da exclusão e subalternização, enfatizando que as aflições que assolam a comunidade transgênera são produzidas pela coletividade de forma estrutural.

Evidenciou-se, portanto, que é preciso ter um olhar mais atento da ciência e do poder público acerca da transgeneridade e das implicações na trajetória do seu envelhecimento. Os estudos gerontológicos e psicossociais precisam, urgentemente, incluir a agenda trans no rol de suas produções, enfatizando sua baixa expectativa de vida e as múltiplas violências sofridas por esse público. Por fim, é indispensável ponderar a interface transgeneridade/cisgeneridade como via para a distinção de demandas e necessidades e para a desnaturalização de hierarquias e conceitos estigmatizados que transformam o encontro do eu, cisgênero, com o outro, transgênero, em desvios de igualdade, inclusão e equidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carla Andreia Alves de. **Autocuidado de mulheres transexuais em uso de hormônios à luz da teoria de Orem**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Recife, PE, 2017.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. – São Paulo: Expressão Popular, 2022.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 1 edição francesa. Lisboa: 90 Grau, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**: realidade incômoda. Tradução: Heloísa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders**: Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**. Salvador: Editora Devires, 2017.

BONASSI, Brune Camilo. **Cisnorma**: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, SC, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Folios, 1983.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. London: Routledge, 2004.

BUTLER, Judith. **Variaciones Sobre Sexo y Género**: Beauvoir, Wittig y Foucault. Valencia: Ediciones Alfons el Maghilmim, 1990.

CORRERO, Anthony N; NIELSON, Kristy A. **A Review of Minority Stress as a Risk Factor for Cognitive Decline in Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender (LGBT) Elders.** J Gay Lesbian Ment Health, 2020.

DEBERT, Guita Grin. **A ANTROPOLOGIA E OS NOVOS DESAFIOS NOS ESTUDOS DE CULTURA E POLÍTICA.** REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS: POLÍTICA & TRABALHO: João Pessoa, PB, 1997.

DOMINGUES, Dandara Camélia da Silva; SILVA, Marcos Aurélio Dornelas da. **Corpos Trans e a Educação: Queerizando Escolas, Educadores e Currículos.** In VIII Congresso Nacional de Educação. Editora Realize: Campina Grande, PB, 2022.

DOMINGUES, Dandara Camélia da Silva; SILVA, Marcos Aurélio Dornelas da. **Gênero, Transgeneridade e Educação: A Importância do Debate para a Construção de uma Pedagogia (Queer) de Desconstrução e Emancipação.** In VII Congresso Nacional de Educação. Editora Realize: Campina Grande, PB, 2021.

FABRÍCIO, Branca Falabella. **Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma INdisciplinaridade radical.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada: Belo Horizonte, MG, 2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Tradução: Mathias Lambert [Data Publicação Original: 1891]. LTC: 2004.

GOLDANI, Ana Maria. **Desafios do preconceito etário no Brasil.** Educ. Soc: Campinas, SP, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Tábuas Completas de Mortalidade: Expectativa de vida dos brasileiros aumenta para 76,3 anos em 2018.** Editoria: Estatísticas Sociais | Cristiane Crelier. IBGE, 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio.** Editora História Agora: Salvador, BA, 2013.

LANZ, Leticia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2014.

LIMA, Ana Paola de Souza. **Nossos corpos não são mais os mesmos: Narrativas de mulheres trans e travestis sobre o seu processo de envelhecimento.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Cuiabá, MT, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação.** Estudos feministas: Florianópolis, SC, 2001.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política.** Revista Gragoatá: Niterói, RJ, 2009.

---

MOTTA, Alda Britto da. **Palavras e convivência**: idosos, hoje. Revista Estudos Feministas: Florianópolis, SC, 1997.

NERY, João W. **Velhices transviadas**: memórias e reflexões. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo**: um projeto de política de saúde. Madrid: OMS, 2005.

PODESTÀ, Lucas Lima de. **Ensaio sobre o conceito de transfobia**. Revista Periódicus: Salvador, BA, 2019.

PONTES, Júlia Clara de; SILVA, Cristiane Gonçalves da. **Cisnormatividade e passabilidade**: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades: Salvador, BA, 2018.

RUIZ, Melissa Salinas. **Aspectos multidisciplinares sobre o envelhecimento de pessoas transfemininas**. In: Olhares sobre o envelhecimento. Estudos interdisciplinares. Ed. 1. Joaquim Pinheiro (org.). Universidade da Madeira, Madeira, PT, 2021.

SAWAIA, Bader. **Introdução**: Exclusão ou Inclusão Perversa?. In: As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Ed. 14. Bader Sawaia (org.). Petrópolis: Vozes, 2014.

SAWAIA, Bader. **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão**. In: As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Ed. 14. Bader Sawaia (org.). Petrópolis: Vozes, 2014.

SIQUEIRA, Monica Soares. **Sou senhora**: um estudo antropológico sobre travestis na velhice. 148f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de PósGraduação em Antropologia Social, Florianópolis, SC, 2004.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A Pesquisa Bibliográfica**: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp: Campinas, SP, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Can the subaltern speak?**. In: Marxism and the interpretation of culture. Cary Nelson e Lawrence Grossberg, Lawrence (org.). Chicago: University of Illinois Press, 1988.

WYLLYS, Jean. **Por tudo que dura**. In: Velhices transviadas: memórias e reflexões. João W. Nery (autor/org.). Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.